

Ascanio Lopes na Rua Da Baía

A passagem de Ascanio Lopes pela rua da Baía é o unico capitulo da sua vida que eu conheço, e esse capitulo me enche de saudade.

Uma noite, Martins de Almeida contou-me que descobrira um poeta na pensão onde morava: era de Cataguazes e escrevêra um poema excelente sobre sua terra natal. Logo depois, Emilio Moura levava o poema ao "Diario de Minas", publicando-o com palavras de admiração.

Foi esta primeira coisa de Ascanio Lopes que se publicou (6 de março de 1927) e é das melhores que ha nos "Poemas Cronologicos".

Apresentado a Ascanio, ele sorriu para mim com timidez, disse duas ou tres palavras só. Fiquei gostando desse moço com quem seria incapaz de manter uma longa conversa (e daí, para que uma longa conversa) mas em quem enxergava uma alma finamente colorida, meiga, séria e encharcada de poesia. Não pretendo entender muito de almas; julgo porém ter encontrado desde o primeiro dia a chave desta, que por pudor nunca cheguei a abrir. Desse modo, distante mas realmente bem perto do Ascanio, eu fui dos seus amigos mais certos.

Tinha 23 anos e não se poderia dizer que viveu, si não fosse a poesia que inundou o seu minuto apressado sobre a terra. Aos 23 anos, a gente só sabe da vida aquilo que ela consente em noticiar - muito pouco - outro pouco de que se tem a intuição, e mais nada. Salvo quando o individuo é poeta, caso de Ascanio Lopes e dos que, como ele, conheceram a vida sem terem tido tempo de vive-la; dos que advinharam. Os versos ascanianos dos "Poemas Cronologicos" são advinhações, ou por outra, premios de loteria que ele ganhou sem nunca ter comprado bilhete.

Era ainda naquele tempo (bom tempo) em que se tomava cerveja e até mesmo café com leite na Confeitaria Estrela. Entre dez e onze horas, o pessoal ia aparecendo e distribuindo-se pelas mesinhas de marmore. Discutia-se politica e literatura, contavam-se historias pornograficas e diziam-se besteiras, puras e simples besteiras, angelicamente, até se fechar a ultima porta (voce se lembra, Emilio Moura? Almeida? Nava?). Ascanio chegou quando o Estrela já entrara em decadencia, e nas melancolicas mesinhas o mosquito comia o assucar derramado sobre as ultimas caricaturas de Pedro Nava. Cada vez se bebia menos cerveja e diziam-se poucasissimas besteiras sinceras. Não chegou a conhecer alguns dos tipos mais curiosos da fauna desse café historico, como por exemplo o sargento João Carlos, gordo, poeta e káki, colaborador assiduo do "Trabalho" de Espirito Santo do Pinhal, que não podia compreender porque motivo eu nunca lhe dera boa noite (nós nunca fomos apresentados um ao outro, meu bravo sargento). Conheceu apenas os ultimos abencerragens, e como não era homem de grande comercio verbal, nem sempre participava dessas farras ingenuas. O que não quer dizer que não fosse boemio e soube depois que o era muito.

Passava tempos sem ve-lo. Era esquivo e filtrava-se entre as arvores da rua. Dizem que ótimo trabalhador. Na Secretaria do Interior, 6a. secção, fala-se muito bem do funcionario Ascanio Lopes. "Deve ser computado para aposentadoria o tempo em que a professora serviu como interna ou provisoria", concluia ele numa informaçao que o chefe achou util publicar, porque bem feita e esclarecedora do assunto. Na Inspeçao da Instruçao, ha a caneta com que ele escrevia, papeis que guardam sua letra, recordaçoes diversas de Ascanio, funcionario que deixava a poesia no cabide, com o chapéu, ao contrario de outros que só deixam o chapéu e fazem poesia na hora do expediente.

Dizem tambem que mau estudante, ou por outra, estudante displicente, mas isso só serve para aumenta-lo na minha estima.

A nossa Escola de Direito não é melhor nem peor do que a comum das escolas, de direitou ou não, que não dão gosto nenhum de serem frequentadas. Mesmo assim Ascanio teve pachorra (ou malicia) bastante para imaginar uma tese, "O direito da familia sobre o cadaver", cujo titulo suspeito dá idéa antes de uma blague juridico-literaria, um pouco funebre.

Bom funcionario, mau estudante, bom poeta... A rua da Baía não conheceu bem Ascanio Lopes, que passou por ela como um automovel. Eu mesmo já tive ocasião de dizer, ha anos, num poema que provocou geral indignação, apesar de ser perfeitamente insignificante: ha os que sobem e ha os que descem a outrora famosa via publica. Os que sobem gloriosos e aplaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascanio desceu com o farol apagado, sem businar, e desceu para sempre.

Numa sala da Secretaria do Interior ha uma mesa, e debruçado sobre essa mesa um jovem moreno e baixo trabalha; é o secretario do Conselho Superior da Instrução; depois o jovem levanta-se, põe o chapéu, desce, toma o bonde; é o poeta Ascanio Lopes. A noite desce sobre a casa de pensão da rua Rio Grande do Norte em que ele escreve os seus ultimos, os seus penultimos versos; a noite desceu de todo, já não ha mais versos para escrever, vida quotidiana para viver, tarefa nenhuma para levar a cabo. Discreto até o fim, Ascanio Lopes foi morrer em Cataguazes: "De repente percebi que eu estava diminuindo, diminuindo, até que ficára apenas uma rodilha de dores", como diz ele nas admiraveis "Sete trombetas misteriosas".

Carlos Drummond de Andrade